

JOGOS OLIMPICOS RIO 2016: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS DO MEGAEVENTO UM ANO APÓS SUA REALIZAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS RESIDENTES DO RIO DE JANEIRO

Autoria

Deborah Moraes Zouain

Pós-graduação Administração de Empresas/Unigranrio

Kaarina Barbosa Virkki

Núcleo de Pesquisa em Turismo/Unigranrio

Flora Thamiris Rodrigues Bittencourt

MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO/UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

DOMINIQUE DA COSTA SOUZA

FACULDADE DE DIREITO/UNIGRANRIO

Resumo

Os Jogos Olímpicos são considerados o maior evento esportivo do mundo e junto a isso há uma série de fatores que envolve a realização deste megaevento na cidade-sede. Dentre os maiores impactados com as transformações provocadas certamente os residentes são os atores que vivenciam todas as etapas de organização do evento, além de serem apontados como os grandes beneficiados da infraestrutura deixada. Porém, a estratégia de governos e instituições privadas para justificar os altos gastos em megaeventos em prol de legados para a população parece não estar surtindo todos os efeitos desejados. O objetivo principal do estudo é entender como a população residente da cidade do Rio de Janeiro percebe os impactos do megaevento no destino sede, principalmente de longo prazo. Como procedimento metodológico realizou-se uma pesquisa quantitativa face-a-face com um total de 394 entrevistados, moradores da cidade do Rio de Janeiro, no período de 1 a 22 de setembro de 2017, um ano após os Jogos Olímpicos Rio 2016. Os resultados apontam a mobilidade urbana e a revitalização da cidade como importantes benefícios deste megaevento. No entanto, a questão da segurança deixa a desejar, pois é percebida por 97,2% dos respondentes como algo que afeta negativamente a imagem da cidade, bem como o mau uso do dinheiro público.

ÁREA TEMÁTICA: ESTRATÉGIA

**JOGOS OLIMPICOS RIO 2016: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS DO
MEGAEVENTO UM ANO APÓS SUA REALIZAÇÃO NA PERCEPÇÃO DOS
RESIDENTES DO RIO DE JANEIRO**

Agradecimentos

Agradecimentos pelo apoio do PIBIC/Santander Universidades 2017/2018 e à FAPERJ / Bolsa Cientista do Nosso Estado

Resumo

Os Jogos Olímpicos são considerados o maior evento esportivo do mundo e junto a isso há uma série de fatores que envolve a realização deste megaevento na cidade-sede. Dentre os maiores impactados com as transformações provocadas certamente os residentes são os atores que vivenciam todas as etapas de organização do evento, além de serem apontados como os grandes beneficiados da infraestrutura deixada. Porém, a estratégia de governos e instituições privadas para justificar os altos gastos em megaeventos em prol de legados para a população parece não estar surtindo todos os efeitos desejados. O objetivo principal do estudo é entender como a população residente da cidade do Rio de Janeiro percebe os impactos do megaevento no destino sede, principalmente de longo prazo. Como procedimento metodológico realizou-se uma pesquisa quantitativa face-a-face com um total de 394 entrevistados, moradores da cidade do Rio de Janeiro, no período de 1 a 22 de setembro de 2017, um ano após os Jogos Olímpicos Rio 2016. Os resultados apontam a mobilidade urbana e a revitalização da cidade como importantes benefícios deste megaevento. No entanto, a questão da segurança deixa a desejar, pois é percebida por 97,2% dos respondentes como algo que afeta negativamente a imagem da cidade, bem como o mau uso do dinheiro público.

Palavras-Chave: Jogos Olímpicos Rio 2016; legados; percepções dos residentes.

Abstract

The Olympic Games are considered the biggest sporting event in the world and along with this there are several factors that involves the accomplishment of this mega-event in the host city. Among the most impacted by the transformations provoked, surely, the residents are the actors who experience all the stages of organization of the event, besides being designated as the great beneficiaries of the infrastructure left. Although the strategy of governments and private institutions to justify the high expenditure on mega-events in favor of legacies to the population seems to be not having all the desired effects. The main objective of the study is to understand how the resident population of the city of Rio de Janeiro perceives the impacts of the mega-event on the destination, mainly in the long term. As a methodological procedure, a face-to-face quantitative survey was conducted with a total of 394 interviewees, residents of the city of Rio de Janeiro, from September 1st to 22nd, 2017, one year after the Rio 2016 Olympic Games. The results show that urban mobility and the revitalization of the city as important benefits of this mega-event. However, the question of security is concerning because it is perceived by 97.2% of the respondents as something that negatively affects the image of the city, as well as the misuse of public money.

Key-words: Rio 2016 Olympic Games, Legacies, residents' perceptions

1. Introdução

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos, evento este de projeção internacional, que reúne atletas de diversas partes do mundo, sendo de grande importância não só para o meio esportivo como para o turismo e para a economia como um todo.

Para sediar um megaevento, o país precisa passar por diversas fases do processo de organização, que se tornam ainda mais detalhadas e extensas no caso da magnitude do evento em questão. Lohmann (2010, p. 39) aponta que sediar um megaevento “constitui uma realidade complexa, envolvendo desde o processo de candidatura à realização do evento, recursos públicos e privados, além de diferentes stakeholders”.

Os impactos gerados pelas Olimpíadas são diversos e com isso, percebe-se a necessidade de se investigar oportunidades e desafios junto à comunidade local e empresários dos diferentes segmentos de turismo, em especial os efetivos impactos no pós-evento.

Portanto, segundo Lohmann (2010), é importante que se atente para as diversas fases da organização do evento e os impactos esperados para cada etapa de realização:

- Pré-evento: Fase anterior ao evento, caracterizada pelos investimentos para estruturação e adequação das cidades-sede para receber o evento. Os impactos econômicos e oportunidades dessa fase têm duração finita.
- Evento: Os impactos desta fase são resultantes, principalmente, do fluxo econômico gerado pelos gastos dos visitantes e turistas nas cidades e com o turismo. São os negócios efetivados durante o evento. Assim, as oportunidades decorrentes desta fase são negociais.
- Pós-evento: Refere-se aos impactos deixados pelo megaevento. É o legado que fica para o país, e mais particularmente para as cidades-sede. Os impactos incluem toda a infraestrutura construída, a exposição da cidade na mídia nacional e internacional, aumento do fluxo turístico e aperfeiçoamento da economia local, melhora da mão-de-obra oferecida, bem como uma nova visão da cidade diante de seus moradores. Os impactos dessa fase não terminam com o evento e por isso têm especial importância.

Avaliar o pós-evento torna-se essencial para se entender efetivamente os impactos, principalmente na experiência e percepção do residente, um importante *stakeholder* deste megaevento quando se pensa nos possíveis legados. Estes, quando analisados pela dimensão social devem ser planejados e incluir, principalmente, as oportunidades para o envolvimento da comunidade em todas as atividades relevantes do evento e o orgulho da comunidade, coesão social, entusiasmo, para (WAITT, 2003), além de maior interação e fortalecimento da sua imagem e consciência (BULL; LOVELL, 2007; SOLBERG; PREUSS, 2007).

Os megaeventos esportivos são vistos pelos governos como uma forma de aumentar a visibilidade internacional dos países, e de diferentes maneiras, impulsionar a economia, gerando benefícios econômicos para a sociedade. De acordo com o estudo dos potenciais impactos socioeconômicos no Rio de Janeiro em 2016, publicado pelo Ministério dos Esportes (2010), havia uma estimativa de 380.000 visitantes estrangeiros viajarem para o país apenas durante os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro. A expectativa era gerar cerca de 152 milhões de dólares em receitas de segmentos de hospedagem, alimentação,

comércio e serviços. Os números previstos se confirmaram e, inclusive, foram superados, visto que o Governo Federal divulgou via Portal Brasil (2016) que o evento recebeu 1,2 milhão de visitantes, dos quais 410 mil eram turistas estrangeiros, cujos gastos diários médios eram de R\$ 424,62. Além disso, o evento contou com a participação de 10.500 atletas de mais de 200 países e foi transmitido para bilhões de pessoas ao redor do mundo.

Tendo em vista a grandiosidade do evento é inevitável que se especule a respeito dos reais impactos não somente quando ele acontece, mas principalmente após o seu término. A população da cidade-sede anseia por resultados advindos dos recursos econômicos injetados através do turismo e novas oportunidades de negócio, obras de infraestrutura que beneficiem o dia-a-dia do cidadão, visibilidade da cidade, entre outros. Como forma de avaliar a estratégia de desenvolvimento de uma cidade por meio da realização de um megaevento, a avaliação da população sobre os impactos do mesmo se torna um importante “termômetro” de sucesso ou insucesso das ações público e privadas inerentes a realização de eventos do porte dos Jogos Olímpicos.

Para tal, após um ano dos Jogos Olímpicos Rio 2016, no Rio de Janeiro, foi realizada uma pesquisa de campo com residentes da cidade, no período de 1 a 22 de setembro de 2017, com um total de 394 entrevistados. O estudo teve como objetivo analisar os impactos do megaevento no destino sede, a partir da percepção dos residentes, no período pós-olímpico. A metodologia utilizada para desenvolver o presente estudo foi a pesquisa quantitativa, com entrevistas face-a-face, com uso de *iPads* e sistema digital.

Os resultados do estudo apontam que a segurança é um fator que preocupa o residente no momento pós-olímpico. Mesmo que a população local perceba efeitos positivos principalmente na questão da mobilidade urbana, ainda há a preocupação com os altos gastos realizados para os Jogos Olímpicos e a recuperação econômica da cidade do Rio de Janeiro. As estratégias de desenvolvimento local em torno da realização do megaevento devem ser vistas com cautela um ano após o megaevento, se forem levadas em consideração a opinião popular. Estudos como este são importantes tanto para o campo de pesquisas acadêmicas como para órgãos públicos e privados que desejem avaliar a efetividade de seus investimentos em infraestrutura frente à percepção dos usuários diários da mesma, ou seja, os residentes. A limitação do estudo se refere a análise de somente um momento da organização do megaevento, o pós-olímpico. É relevante que estudos longitudinais sejam realizados quando se deseja entender os efeitos de curto, médio e longo prazo de megaeventos, principalmente quando a visão do residente é o foco para dimensionar o desenvolvimento e resultados trazidos pelo evento.

2. Referencial Teórico

Quando uma cidade se candidata para recebimento de um megaevento como os Jogos Olímpicos é comum que sejam estabelecidos prazos apertados para o desenvolvimento de infraestrutura. Além disso, há a criação de novas formas de financiamento de investimento através de uma combinação de financiamento público/privado, que serve para legitimar essas despesas apelando para a imaginação popular (SMITH, 2008; POYNTER, 2008). Esta necessidade de respaldo da sociedade é baseada principalmente nos argumentos de possíveis legados que

um megaevento pode trazer para a população local. Para Cashman (1998, p. 107) “quase toda cidade Olímpica, desde que os jogos foram retomados em 1896, tem alguma forma de legado”.

Os efeitos de um megaevento esportivo podem ser observados de várias maneiras; Chappellet (2012, p. 76) pontua que “os legados podem ser percebidos como positivo ou negativo, tangível ou intangível, territorial ou pessoal, intencional ou não intencional, global ou local, de curto ou longo prazo”, podendo estarem ligados ou não ao esporte. Ademais, podem ser notados pelas diferentes perspectivas de *stakeholders* do evento.

Castells e Borja (1996) em seu estudo na época apontaram o exemplo de Barcelona que em resposta à crise se viu facilitada pela capacidade de conseguir e utilizar um grande evento internacional. “Provavelmente, o plano estratégico não seria o marco de um ambicioso projeto de transformação urbana — já parcialmente realizado — sem os Jogos Olímpicos de 1992” (CASTELLS, BORJA, 1996, p. 156).

Nesse sentido, os megaeventos tendem a criar benefícios a longo prazo, como melhorar a identidade da marca de uma cidade e seu status global, além de fortalecer a estrutura social, melhorar a coesão social e a identidade da comunidade (BALDUCK et al., 2011; KARADAKIS; KAPLANIDOU, 2012; WALTON; LONGO; DAWSON, 2008). Para Capel (2010), a realização de um megaevento esportivo atrai muitos e diversos efeitos positivos, podendo ser uma poderosa ferramenta de estratégias de marketing urbano, o que é requisitado pelas administrações locais como forma de inserir as localidades na economia mundo.

No entanto, também há cidades que são lembradas por suas dívidas como é o caso dos Jogos Olímpicos de 1976 que resultou em grandes prejuízos e dívidas para a cidade de Montreal (KIM; JUM, 2016). Por outro lado, existem cidades que são conhecidas por seu superávit, como Calgary, nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1988, que registrou lucro de mais de 130 bilhões de dólares, como levantaram Whitson e Horne (2006) apud Souza et al. (2013).

Como os residentes envolvidos em megaeventos são vitais para o sucesso a curto e longo prazo do evento hospedado, suas percepções sobre o impacto social desses eventos são essenciais para o seu sucesso (MAO; HUANG, 2015; CHEN; TIAN, 2015; VETITNEV; BOBINA, 2015; PRAYAG et al., 2013; GURSOY et al., 2016). E por serem um dos que mais sofrem impactos diretos e indiretos por conta dos megaeventos, os residentes das cidades sedes, são atores fundamentais durante as diferentes fases do evento, principalmente, por sua percepção quanto ao atendimento das demandas, as melhorias, os desperdícios, as facilidades criadas, os transtornos sofridos e os possíveis benefícios futuros, sendo este um tema que sugere uma pesquisa mais aprofundada (KAPLANIDOU, 2012). Além disso, identificar as opiniões e atitudes dos moradores em relação às Olimpíadas proporciona aos organizadores dos Jogos uma melhor compreensão das preocupações públicas na fase de planejamento e preparação dos Jogos (ZHOU; AP, 2009; VETITNEV; BOBINA, 2015).

Com relação ao processo de planejamento, este torna-se elemento demasiadamente importante, visto que busca, por meio de suas ações, atingir a tão almejada sustentabilidade social, cultural e também ecológica, e através destas o desenvolvimento econômico do local, conforme apontam Santos e Souza (2012). Talvez o fato de que o planejamento do legado é parte integrante dos requisitos de licitação do Comitê Olímpico Internacional (COI), para as cidades que desejam sediar os Jogos Olímpicos (*INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE*, 2011), alimentou a discussão acadêmica.

Castells e Borja (1996, p. 161) já verificavam em seus estudos que:

Um plano estratégico deve construir e/ou modificar a imagem que a cidade tem de si mesma e projeta no exterior. Na medida em que se trata de uma resposta a uma sensação de crise, resultado da vontade de inserção em novos espaços econômicos e culturais globais, e que pretende integrar uma população que muitas vezes se sente excluída ou pouco levada em conta (...).

No contexto dos Jogos Olímpicos, Waitt (2003) examina que os resultados dos legados concretos (tangíveis) podem ser percebidos como fatores mais significativos para as percepções de qualidade de vida dos moradores, dado seu papel direto no processo de troca (isto é, resultados) quando comparado aos resultados legais abstratos (intangíveis). O impacto social pode ser conceituado como qualquer força que potencialmente influencie a qualidade de vida dos residentes locais (BALDUCK; MAES; BUELENS, 2011; HALEY; SNAITH; MILLER, 2005; DECCIO; BALOGLU, 2002; GURSOY; KENDALL, 2006; KAPLANIDOU et al., 2013; GURSOY et al., 2016) e estes são percebidos como maiores que os benefícios econômicos, especialmente quando ocorrem em países em desenvolvimento. Alguns desses resultados documentados na literatura: aumento nos níveis de emprego, turismo, gastos na comunidade, maiores retornos fiscais, desenvolvimento de infraestrutura, como por exemplo, transporte, alojamento, hotéis, locais esportivos, instalações, parques e recreação, centros de mídia, atrações turísticas e aeroportos, além de outros benefícios através da geração de fontes adicionais de renda e mais oportunidades de trabalho (HUANG; ZHANG, 2012; HUMPHREYS; PROKOPOWICZ, 2007; PRANIC; PETRIC; CETINIC, 2012; MAO; HUANG, 2015).

Todavia, evidencia-se também impactos negativos e com desdobramentos em larga escala, como por exemplo, o processo de gentrificação em algumas áreas da cidade, necessidade de remoção de famílias, aumento dos custos de vida, falta de manutenção das instalações e especulação imobiliária. Além desses, podem ocorrer o aumento do congestionamento no trânsito, o aumento dos preços, a pressão sobre a aplicação da lei local e o aumento das taxas de criminalidade, que podem reduzir a quantidade de apoio (MIHALIK; SIMONETTA, 1998; CHEN; TIAN, 2015).

Embora o termo legado tenha uma conotação positiva, a literatura está discutindo alguns dos aspectos negativos de sediar os Jogos que atravessam aspectos econômicos, sociais e ambientais, conforme exposto no parágrafo anterior, (CHAPPELET, 2008; KAPLANIDOU; KARADAKIS, 2010; MANGAN, 2008). Segundo Bovy (2009), assume-se, então, que um megaevento implica alterações temporárias importantes na vida da cidade que o hospeda, em sua logística, organização dos transportes e comportamentos de viagens. Os residentes podem também avaliar negativamente a possibilidade de sediar um megaevento, pois pode ter um impacto negativo no meio ambiente (GURSOY; CHI; AI; CHEN, 2011), por meio do aumento da poluição e da deterioração dos recursos culturais, históricos e naturais (KIM et al., 2006). Do ponto de vista econômico, a alocação de fundos para a construção da infraestrutura dos Jogos Olímpicos pode ser percebida como um desperdício bastante importante (JONES, 2001; WHITSON; HORNE, 2006) e pode criar custos de oportunidade (KAPLANIDOU; KARADAKIS, 2010). Por exemplo, os fundos que teriam sido investidos em educação ou saúde são investidos em infraestrutura relacionada aos Jogos Olímpicos e, portanto, podem provocar uma reação negativa dos residentes (OWEN, 2005; TOOHEY, 2008). Por conseguinte, para cobrir quaisquer custos, podem ocorrer aumentos de impostos (GURSOY;

KENDALL, 2006; SOLBERG; PREUSS, 2007), que também podem atingir a comunidade local.

3. Metodologia

Após um ano dos Jogos Olímpicos Rio 2016, no Rio de Janeiro, foi realizada uma pesquisa de campo, de natureza quantitativa, com residentes da cidade, no período de 1 a 22 de setembro de 2017, com um total de 394 entrevistados. Para o dimensionamento da amostra, a quantidade de entrevistados foi calculada de forma a se enquadrar nos critérios de significância estatística levando em conta estimadores que maximizariam a variância da população alvo, contabilizando os seguintes percentuais: 95% de critérios de significância estatísticas de confiança e 5% de margem de erro (BOLFARINE; BUSSAB, 2005).

Os dados foram coletados em pontos específicos da cidade que têm fluxo de residentes de localidades variadas da cidade por serem, tanto ponto de concentração de comércio e negócios, como de lazer, tais como: Praia Vermelha, Urca, Centro, Botafogo, Tijuca e Barra da Tijuca. Os entrevistados foram selecionados aleatoriamente nesses locais.

O instrumento de coleta de dados englobou quatro seções a citar:

(1) A primeira seção do questionário incluiu perguntas sobre informações demográficas dos entrevistados, como local de residência e envolvimento com os Jogos.

(2) Na segunda seção, os moradores responderam perguntas a respeito de suas impressões sobre os Jogos Olímpicos, como: se foi uma boa escolha para o Rio sediar o megaevento; e se os Jogos geram impacto em sua vizinhança e em sua rotina.

(3) A terceira seção englobou questões em escala de *Likert* sobre: atividade comercial e ganhos econômicos; aumento de preço devido às Olimpíadas; Perda financeira; oportunidades de negócio; empregos geram; divulgar a atividade turística; o dano à reputação da cidade-sede; aumentar o número de turistas. E sobre o legado a longo prazo em relação a: mobilidade urbana; infraestrutura aeroportuária; segurança pública; turismo; e esporte. Para estas questões, foi utilizada uma escala Likert de 5 pontos, a saber: 1 = discordo totalmente, 2 = discordo parcialmente, 3 = não concordo nem discordo, 4 = concordo parcialmente e 5 = concordo totalmente. Houve outra questão nesta seção, em que o entrevistado avaliou se a segurança é um fator que afeta a imagem da cidade do Rio de Janeiro atualmente. Para essa pergunta eles responderam: -1 = sim - afeta negativamente; 0 = não, isso não afeta; 1 = sim, afeta positivamente.

(4) A última seção do questionário continha dados de perfil e questões abertas sobre os aspectos tangíveis e intangíveis, onde foi perguntado aos entrevistados a percepção sobre os principais impactos positivos e negativos principais dos Jogos Olímpicos. Essa foi uma questão aberta, então os respondentes responderam espontaneamente.

Após a coleta dos dados, a análise foi realizada utilizando o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) a fim de dimensionar estatisticamente os resultados obtidos. Para as perguntas abertas e geração de nuvem de palavras (*wordcloud*) foi utilizado o programa *wordle*, no qual se faz a inserção das palavras e expressões mais citadas, que aparecem maiores ou menores de acordo com o número de citações / ocorrências.

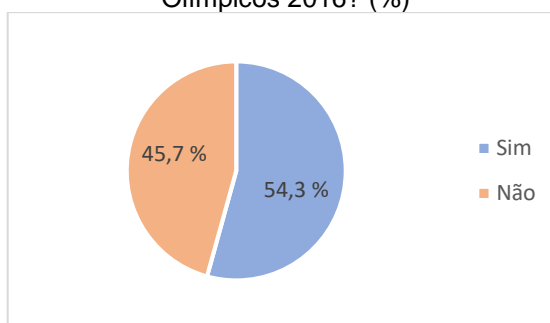
4. Resultados

Nesta seção serão apresentadas as análises de dados da pesquisa. Para entender a neutralidade dos residentes entrevistados a respeito da realização dos Jogos Olímpicos e seus impactos para cidade-sede, observou-se que 90,4% não tinham qualquer envolvimento direto com a realização dos Jogos Rio 2016 e apenas 9,6% possuíam algum tipo de envolvimento seja como voluntário, funcionário de empresa patrocinadora ou parente/amigo de atleta.

Durante a coleta de dados houve dúvida por parte dos respondentes com a seguinte questão: “Foi uma boa escolha para a cidade do Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos?”. O estudo aponta, conforme o gráfico 1, que os entrevistados se mostram bem divididos em relação a esta pergunta. Para 54,3%, o saldo foi positivo, e este resultado está associado principalmente aos investimentos realizados na mobilidade urbana, que geraram melhoria no trânsito e facilitou o ir e vir das pessoas; na visibilidade do destino, que projetou o Brasil ainda mais para o mundo; nos investimentos e na revitalização de algumas áreas degradadas da cidade; além da capacidade de se realizar um megaevento, assim como pela geração de renda e pelo estímulo ao turismo, esporte e intercâmbio cultural.

Para os 45,7% que acreditam que não foi uma boa escolha para a cidade do Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos, a justificativa está no fato de as obras terem custado muito alto, e de muitas delas ainda estarem inacabadas. Também a corrupção, o esvaziamento dos cofres públicos, o superfaturamento das obras e a falência do estado, deixaram uma péssima imagem do megaevento. Neste momento pós-Olímpico, muitos equipamentos encontram-se abandonados, com alguns elefantes brancos e muitos entrevistados chegaram a afirmar que de fato, não houve legado.

Gráfico 1 - Na sua opinião, foi uma boa escolha para a cidade do Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos 2016? (%)



Fonte: Elaboração própria (2017)

Dos participantes da pesquisa, 77,7% afirmam que os Jogos não deixaram para o período pós-Olímpico nenhum impacto no bairro onde residem. Aqueles que citam haver algum tipo de impacto reclamam da piora no trânsito que as obras inacabadas e mudanças de rotas ainda provocam na cidade. Apenas 20,3% sinalizaram alguma melhoria relacionada a linha 4 do metrô para a Barra da Tijuca, BRT (*Bus Rapid Transit*), VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), além de melhorias em infraestrutura e renovação hoteleira. Interessante notar que do total de entrevistados, 67,0% apontam que no período pós-Olímpico, os Jogos não deixaram

nenhum impacto na rotina. Apenas 33,0% tiveram a rotina impactada, em especial no que se refere ao trânsito e à mobilidade urbana.

Do total de entrevistados, 50,4% acreditam que os Jogos Olímpicos causaram mais impactos positivos na cidade, mas vale lembrar que ainda é grande o número de pessoas que acredita que a realização dos Jogos Olímpicos causou mais impactos negativos (39,7%) enquanto que 9,9% dos respondentes preferiu não opinar.

A maioria dos entrevistados participou de alguma forma dos Jogos Olímpicos, seja presencialmente, indo às competições (43,3%) ou por meio de mídias como TV e Internet (31,3%). Aqueles que participaram ativamente do evento avaliaram positivamente sua experiência, pois em uma escala de 1 a 10, 1 sendo muito ruim e 10 muito boa, a média da avaliação da experiência foi 8,12.

Quando avaliados os impactos positivos da realização do megaevento questões ligadas a transporte, infraestrutura, turismo, mobilidade, visibilidade são as mais citadas. Ainda teve uma parte considerável que citou que não via nenhum impacto positivo.

Os impactos negativos mais citados são, nesta ordem: falta de segurança; abandono, tanto das obras inacabadas como arenas não utilizadas; corrupção; crise, seja financeira ou política; gastos indevidos e altos custos, para citar alguns. As figuras 1 e 1 apresentam os *wordclouds* com todos os impactos positivos e negativos citados pelos residentes.



Figura 1 - Qual o principal impacto POSITIVO dos Jogos Olímpicos 2016 para o Rio de Janeiro?
Fonte: Elaboração própria (2017)

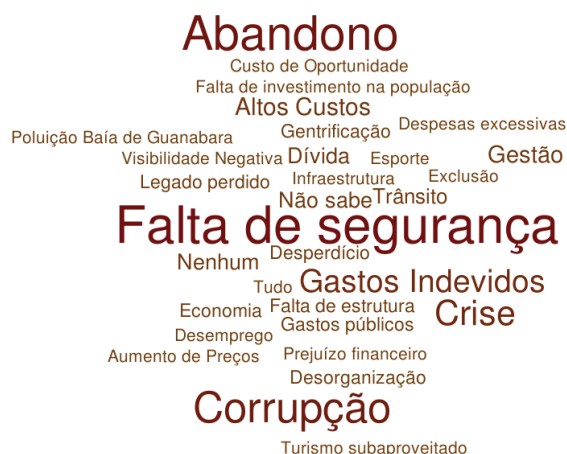
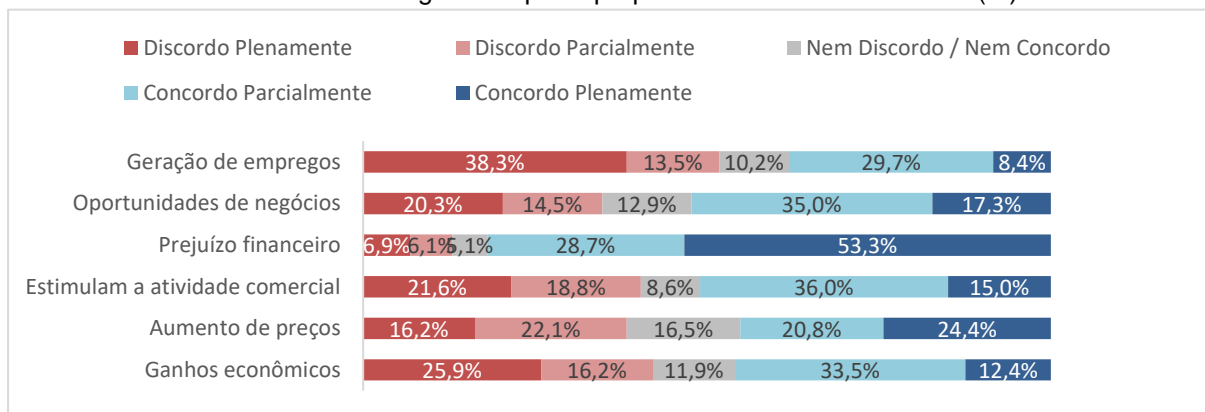


Figura 2 - Qual o principal impacto NEGATIVO dos Jogos Olímpicos 2016 para o Rio de Janeiro?
Fonte: Elaboração própria (2017)

A percepção de impactos ajuda a corroborar alguns dos resultados obtidos com relação à economia e seus desdobramentos por conta do evento. É interessante observar que um ano após o megaevento os residentes entrevistados percebem os benefícios econômicos - muitos deles relacionados à realização dos Jogos Olímpicos - de forma muito menos otimista. Conforme o gráfico 2, no momento após os Jogos, o residente percebe os ganhos econômicos com certa suspeita, visto que 45,9 % acreditam que ainda há ganhos por conta do megaevento. O mesmo ocorre com o estímulo a atividade comercial, em que 51% acreditam ainda haver aumento do comércio por conta do evento, e também 52,3% dos entrevistados acreditam que os Jogos proporcionam oportunidades de negócios na cidade. Ou seja, por mais que os residentes concordem que houve um aumento de negócios e oportunidades, esta percepção ainda é muito dividida por conta da percepção sobre os prejuízos financeiros provocados, pois 82% dos entrevistados concordam ter ocorrido perdas no campo financeiro.

Há ainda uma insatisfação com relação a geração de empregos, quando 51,8% discordam que o mercado de trabalho esteja aquecido atualmente, após os Jogos. Muitos argumentam que o evento proporcionou oportunidades de trabalho à sua época, mas agora o grau de desemprego é significativo, muito por conta da crise financeira que o país vive. Há também um número dividido de pessoas que acredita que houve aumento de preços por conta dos Jogos Olímpicos, após o seu término, 45,2% concorda, porém 38,3% discorda e 16,5% não soube opinar. Portanto, é evidente que a população ainda não sabe avaliar se o evento realmente provocou um alta dos preços na cidade.

Gráfico 2 - Os Jogos Olímpicos proporcionam na cidade-sede... (%)



Fonte: Elaboração própria (2017)

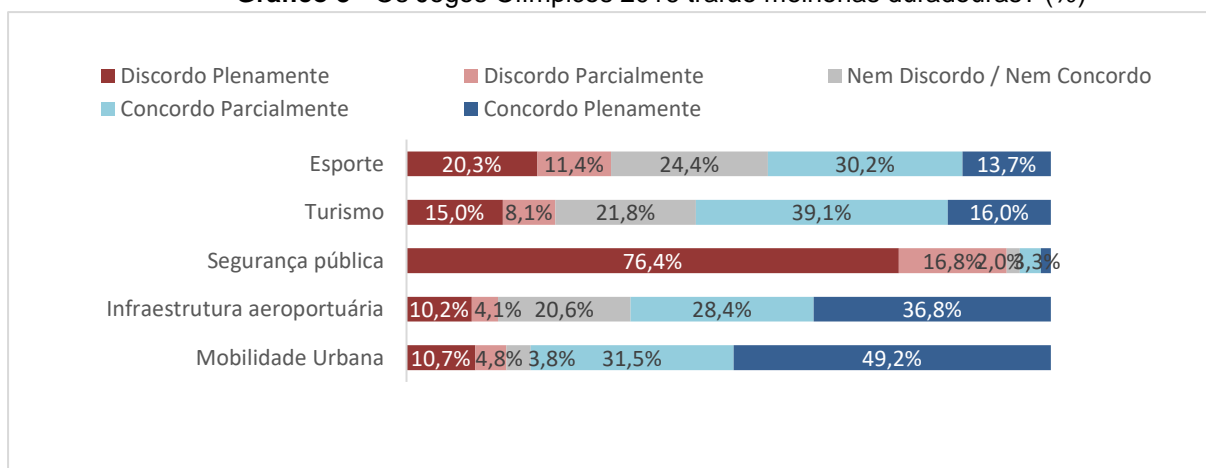
No momento pós-Olímpico é evidente que a população entrevistada possui muitas dúvidas a respeito das melhorias duradouras que os Jogos poderiam proporcionar. O gráfico 3 aponta a opinião dos participantes da pesquisa com relação as supostas melhorias que os Jogos Olímpicos iriam trazer para a cidade-sede. Enquanto que em pesquisas anteriores o turismo era visto como um dos setores mais beneficiados com os Jogos Olímpicos, no momento atual, um ano após a realização dos Jogos, a Mobilidade Urbana é a única que possui 80,7% de concordância quanto a melhorias duradouras. Neste momento, o turismo e o esporte, que eram tidos anteriormente como os setores que mais teriam resultados positivos, foram vistos respectivamente por 55,1% e 43,9% dos entrevistados como segmentos que se evidenciam melhorias. A dúvida ainda é significativa tanto para estes setores quanto para infraestrutura aeroportuária, que teve 20,5% de residentes

não concordando nem discordando sobre melhorias duradouras no setor. No entanto, a melhoria nos aeroportos era vista por 65,2% dos entrevistados, o que demonstra que obras de infraestrutura como as que afetaram a mobilidade e meios de transporte, tinham uma imagem mais positiva na percepção dos residentes.

No entanto, quando questionados sobre melhorias em segurança pública, a resposta era quase unânime (93,1%) quanto a discordância sobre legados neste setor.

A segurança era vista 97,5% dos entrevistados como um setor que afeta negativamente a imagem da cidade atualmente. Estas altas taxas de insatisfação neste segmento se justificam pelo momento atual de insegurança na cidade, tanto por conta da crise financeira, como pela ineficiência em conter a violência do Estado. Ou seja, as ações em segurança pública são vistas apenas como pontuais para o evento e foram descontinuadas tão logo o término dos Jogos Olímpicos Rio 2016.

Gráfico 3 - Os Jogos Olímpicos 2016 trarão melhorias duradouras? (%)



Fonte: Elaboração própria (2017)

O planejamento e justificativas para receber eventos como os Jogos Olímpicos, que têm um grande alcance e engloba um alto número de esportes e países participantes, permeiam nos benefícios que tais eventos podem trazer para população local. Além disso, por contar com uma enorme cobertura de mídia mundial, a visibilidade que o evento traz para o país pode ter resultados positivos para o turismo, economia e esporte. No entanto, um ano após o evento percebe-se que os residentes veem tais transformações com ressalvas e que o espírito olímpico que deveria promover o esporte na cidade-sede não deslançou entre a população, visto que para 78,4% o interesse por esportes continuou o mesmo após os Jogos.

O conhecimento e a prática de um novo esporte por conta da realização do evento não aconteceram para estes mesmos 78% de entrevistados. Ou seja, a disseminação e incentivo da prática esportiva ainda deixa a desejar um ano após o megaevento.

Quando avaliadas as inovações que os Jogos trouxeram, 66,5% não acham que houve alterações neste campo para a cidade. Aqueles que acreditam que houve inovação citam principalmente as obras de mobilidade urbana, como o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), o BRT (*Bus Rapid Transit*), a revitalização da zona portuária, o Boulevard Olímpico, a Linha 4 do metrô, o Porto Maravilha e arenas esportivas. No entanto, quando observado o dossiê de candidatura da cidade do Rio de Janeiro para os Jogos Rio 2016, a palavra inovação aparece das mais diversas formas, seja

por meio de aproveitamento de arenas, tecnologia da informação e envolvimento de jovens.

Na percepção dos residentes, para uma parte, as obras são vistas como boas, necessárias e, para outra parte, como desnecessárias, superfaturadas, ineficazes com custos exorbitantes, que geraram desperdício de recurso, sem qualidade e subutilizadas.

Finalmente, dentre as ações que não foram feitas para os Jogos e que os residentes entrevistados ainda gostariam que fossem feitas, destacam-se: a despoluição da Baía de Guanabara, uso das arenas, finalização da obra da Avenida Brasil, construção das escolas previstas no legado olímpico, estímulo ao esporte, melhorar a segurança pública.

5. Considerações Finais

O presente estudo permitiu a observação de impactos de megaeventos esportivos, especificamente dos Jogos Olímpicos Rio 2016, na visão de residentes e, principalmente, como os mesmos avaliam a realização do megaevento na cidade do Rio de Janeiro um ano após o mesmo. É importante ressaltar que, conforme Smith (2008) explicita, por mais que existam resultados diretos e visíveis dos Jogos Olímpicos, como a construção do Parque Olímpico, por exemplo, são maiores os impactos indiretos ou secundários. Estes podem ser tanto positivos como negativos, como melhorias na malha de transportes e na mobilidade urbana e especulação imobiliária respectivamente. A análise das respostas de 394 residentes da cidade do Rio de Janeiro um ano após os Jogos Olímpicos mostra justamente que estes impactos secundários são mais vistos e sentidos no dia-a-dia dos cidadãos.

Porém, ficou evidente após a pesquisa realizada que a população entrevistada ainda desconfia dos efeitos positivos prometidos pelos Jogos Olímpicos. Por mais que questões ligadas a melhoria do transporte urbano, revitalização de algumas partes da cidade e mobilidade urbana estejam no consciente do residente como benefícios trazidos pelo megaevento, algumas promessas como incentivo ao esporte, turismo e economia ainda deixam a desejar. Em especial, preocupa a crise financeira e a falta de segurança, que afeta negativamente a imagem do destino e prejudica, residentes e turistas.

O referencial teórico apontou questões a respeito da estratégia de desenvolvimento de cidades a partir da realização de megaeventos. E ficou evidente que, por mais que haja evidências de casos de sucesso no mundo, como Barcelona, em 1992, ainda é arriscado, principalmente para países em desenvolvimento como o Brasil, apostar no crescimento a partir da realização de megaeventos que exigem grandes somas de investimento. A população do Rio de Janeiro se sente dividida a respeito dos efeitos positivos da realização do megaevento, pois apesar de observar e aprovar as melhorias urbanas, reprova os gastos excessivos ou dispêndio indevido em infraestruturas que não são primordiais para a população. Além disso, o Rio de Janeiro, em especial, sofreu com a questão da falta de segurança e forte crise econômica após os Jogos Olímpicos, aspectos que afetam negativamente a visão do residente a respeito tanto do megaevento quanto das políticas públicas adotadas.

Porém, há de se convir que o projeto de transformação urbana promovido pelos Jogos Olímpicos pode trazer benefícios duradouros para população e servir para gerar conhecimento acumulado para futuros megaeventos. Com este propósito, é importante que estudos posteriores contemplem pesquisas em outras fases do evento, como antes e durante o mesmo, de forma a entender as mudanças, ou não,

de percepção do residente e entender seus anseios em cada fase de preparação do evento. Além disso, a pesquisa com outros importantes atores envolvidos e interessados no megaevento, como turistas e empresários, devem ser contemplados em pesquisas. O estudo apresentado é de suma importância tanto para o setor acadêmico/científico como para órgãos públicos e privados entenderem os anseios da população e segmentos que mais merecem atenção em termos de investimentos e planejamento.

6. Referências

BALDUCK, A. L.; MAES, M.; BUELENS, M. The social impact of the Tour de France: Comparisons of residents' pre- and post-event perceptions. ***European Sport Management Quarterly***, v. 11, n. 2, p. 91–113, 2011.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de amostragem**. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

BOVY, P. H. **Mega event transport planning and mobility management**. 2009.

BULL, C.; LOVELL, J. The impact of hosting major sporting events on local residents: an analysis of the views and perceptions of Canterbury residents in relation to the Tour de France 2007. ***Journal of Sport & Tourism***, v. 12, n. 3e4, p. 229-248, 2007.

CASHMAN, R. Olympic Legacy in an Olympic City: Monuments, Museums and Memory. **Fourth International Symposium for Olympic Research**, 1998. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.531.4819&rep=rep1&type=pdf> Acesso em: 20 abr. 2018.

CAPEL, H. Los Juegos Olímpicos, entre el urbanismo, el marketing y los consensos sociales. Barcelona: Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 15, n. 895, 2010.

CASTELLS, M.; BORJA, J. As cidades como atores políticos. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, Cebrap, n. 45, jul., p.152-166, 1996.

CHAPPELLET, J. Mega sporting event legacies: a multifaceted concept. **Papeles de Europa**, v. 25, p. 76-86, 2012

CHEN, F.; TIAN, L. Comparative study on residents' perceptions of follow-up impacts of the 2008 Olympics. **Tourism Management**, v. 51, p. 263-281, 2015.

DECCIO, C.; BALOGLU, S. Nonhost community resident reactions to the 2002 Winter Olympics: the spillover impacts. **Journal of Travel Research**, v. 41, n. 1, p. 46 e 56, 2002.

GURSOY, D.; KENDALL, K. W. Hosting megaevents—Modelling locals' support. **Annals of Tourism Research**, v. 33, n. 3, p. 603–623, 2006.

GURSOY, D.; YOLAL, M.; RIBEIRO, M. A.; PANOSSO NETTO, A. Impact of Trust on Local Residents' Mega-Event perceptions and Their Support. **Journal of Travel Research**, v. 56, n. 3, p. 393-406, 2016.

GURSOY, D.; CHI, C. G.; AI, J.; CHEN, B. T. Temporal change in resident perceptions of a mega-event: the Beijing 2008 Olympic Games. **Tourism Geographies**, v. 13, n.2, p. 299-324, 2011.

HALEY, A. J.; SNAITH, T.; MILLER, G. Social impacts of tourism—A case study of Bath, UK. **Annals of Tourism Research**, v. 32, n.3, p. 647–668, 2005.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (PRODUCER). **2020 candidature acceptance procedure: Games of the XXXII Olympiad**. Setembro, 2011. Recuperado de: http://www.olympic.org/Documents/Host_city_elections/2020_CAP.pdf

HUANG, H.; ZHANG, L. Estimation of the non-market value of sports events: A case study of the civic pride generated by the 2009 Shanghai ATP Masters 1000. **Tourism Economics**, v.18, n. 4, p. 887–895, 2012.

HUMPHREYS, B.R.; PROKOPOWICZ, S. Assessing the impact of sports mega-events in transition economies: Euro 2012 in Poland and Ukraine. **International Journal of Sport Management and Marketing**, v. 2, n. 5, p. 496–509, 2007.

KAPLANIDOU, K. The importance of legacy outcomes for Olympic Games four summer host cities residents' quality of life: 1996–2008. **European Sport Management Quarterly**, v. 12, n.4, p. 397–433, 2012.

KARADAKIS, K.; KAPLANIDOU, K. Legacy perceptions among host and non-host Olympic Games residents: A longitudinal study of the 2010 Vancouver Olympic Games. **European Sport Management Quarterly**, v. 12, n. 3, p. 243–264, 2012.

KAPLANIDOU, G. K.; KARADAKIS, K. Understanding the legacies of a host Olympic City: the case of the 2010 Vancouver Olympic Games. **Sport Marketing Quarterly**, v. 19, p. 110-117, 2010.

KAPLANIDOU, K.; KARADAKIS, K.; GIBSON, H.; THAPA, B.; WALKER, M.; GELDENHUYS, S., Quality of life, event impacts, and mega-event support among South African residents before and after the 2010 FIFA world cup. **Journal of Travel Research**, v. 52, n. 5, p. 631–645, 2013.

KIM, SUNGSOO; JUN, JONGWOO. The impact of event advertising on attitudes and visit intentions. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, v. 29, p. 1-8, 2016.

KIM, H. J.; GURSOY, D.; LEE, S.-B. The impact of the 2002 world cup on South Korea: comparisons of pre- and post-games. **Tourism Management**, v. 27, n.1, p. 86-96. <http://dx.doi.org/10.1016/j.tourman.2004.07.010> , 2006.

LOHMANN, P. B. **Megaeventos esportivos: impactos no turismo das cidades**

sedes. Dissertação, 133 f. Mestrado em Gestão Empresarial, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

MANGAN, J. A. Prologue: Guarantees of Global Goodwill: Post-Olympic Legacies – Too Many Limping White Elephants? **The International Journal of the History of Sport**, v. 25, n. 14, p. 1869-1883, 2008.

MAO, L. L.; HUANG, H. Social impact of Formula One Chinese Grand Prix: A comparison of local residents' perceptions based on the intrinsic dimension. **Sport Management Review**, 2015. <http://dx.doi.org/10.1016/j.smr>.

MIHALIK, B. J.; SIMONETTA, L. Resident perceptions of the 1996 Summer of Olympic Games- Year II. **Festival Management & Event Tourism**, v. 5, p. 9-19, 1998.

OWEN, J.G. Estimating the cost and benefit of hosting Olympic Games: What can Beijing expect from its 2002 Games? **The Industrial Geographer**, p.1–18, 2005.

PORTAL BRASIL. **Rio recebeu 1,2 milhão de visitantes durante Jogos Olímpicos.** 2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/turismo/2016/08/rio-recebeu-1-2-milhao-de-visitantes-durante-jogos-olimpicos>. Acesso em: 01 Novembro 2016

POYNTER, G.; ROBERTS, E. **'Atlanta 1996: The Centennial Games' in Olympic Cities:** (Eds.) G. Poynter & I. Macrury. Londres: Sage Publications, 2008.

PRANIC, L., PETRIC, L., & CETINIC, L. Host population perceptions of the social impacts of sport tourism events in transition countries: Evidence from Croatia. **International Journal of Event and Festival Management**, v. 3, n. 3, p. 236–256, 2012.

PRAYAG, G.; HOSANY, S.; NUNKOO, R.; & ALDERS, T. London residents' support for the 2012 Olympic Games: the mediating effect of overall attitude. **Tourism Management**, v. 36, p. 629-640, 2013

SANTOS, R. A.; SOUZA, N. S. Copa do Mundo e Olimpíadas no Brasil: perspectivas de crescimento e desenvolvimento do turismo brasileiro. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**, v. 16, 2012.

SMITH, M. When the Games Come to Town: Host Cities and the Local Impacts of the Olympics. A report on the impacts of the Olympic Games and Paralympics on host cities. **London East Research Institute Working Papers:** Dezembro, 2008.

SOLBERG, H. A.; PREUSS, H. Major sports events and long-term tourism impacts. **Journal of Sport Management**, v. 21, n. 2, p. 213-234, 2007.

SOUZA, A. P. P.; SOUZA, D. L.; CASTRO, S. B. E.; MEZZADRI, F. M. Megaeventos esportivos: competições esportivas ou políticas/econômicas? **Motrivivência**. V.41, p. 101-114, 2013.

TOOHEY, C. The Sydney Olympics: Striving for Legacies – Overcoming Short-Term Disappointments and Long-Term Deficiencies. **The International Journal of The History of Sport**, v. 25, n. 14, p. 1953-1971, 2008.

VETITNEV, ALEXANDRE M.; BOBINA, NADEZHDA. Residents' perceptions of the 2014 Sochi Olympic Games, **Leisure Studies**, DOI: 10.1080/02614367.2015.1105857. 2015.

WAITT, G. Social impacts of the Sydney Olympics. **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 1, p. 194–215, 2003.

WALTON, H.; LONGO, A.; DAWSON, P. A contingent valuation of the 2012 London Olympic Games: A regional perspective. **Journal of Sports Economics**, v. 9, n. 3, p. 304–317, 2008.

ZHOU, Y.; AP, J. Residents' perceptions towards the impacts of the Beijing 2008 Olympic Games. **Journal of Travel Research**, v. 48, n. 1, p. 78–91, 2009.